



FORTUNE PLANGO VULNERA: O ACASO E A INSTABILIDADE SOCIAL REPRESENTADOS PELA RODA DA FORTUNA EM CARMINA BURANA

Giovanna Isadora Ferreira Cícero¹, Jaime Estevão dos Reis²

¹ Acadêmica do Curso de História, Campus Maringá-PR, Universidade Estadual de Maringá – UEM. Giovanna.04.isadora@gmail.com.

² Orientador, Doutor, Professor do Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá – UEM. Jereis@uem.br.

RESUMO

A presente comunicação tem como base um recorte do Projeto de Iniciação Científica de título “Carmina Burana: subversão social e expressão cultural nas composições goliárdicas”. A partir do estudo das transformações vivenciadas na Europa Ocidental entre os séculos XII e XIII, compreende-se o surgimento dos goliardos, clérigos errantes cujo aparecimento está relacionado ao nascimento das universidades. Esses intelectuais, familiarizados com obras da Antiguidade, mencionavam antigas divindades em suas composições, como a deusa Fortuna. Contudo, nosso objetivo é investigar como o acaso e a instabilidade social são representados a partir dessa deusa romana figurada na canção *Fortune plango vulnera*, presente no cancionário *Carmina Burana*, antologia datada do século XIII que reúne composições goliárdicas.

PALAVRAS-CHAVE: Goliardos; Imaginário; Literatura Medieval.

1 INTRODUÇÃO

No século XII, as estruturas feudais passaram por transformações em todo o Ocidente. O renascimento das cidades e do comércio, o crescimento demográfico e a ascensão da burguesia anunciaram uma nova realidade, marcada por maior mobilidade social se comparada à vida no campo (Guzmán, 2012). As cidades, portanto, atuaram como motores dessa mudança, deslocando o centro das atividades eclesiásticas para os espaços urbanos episcopais (Lehtonen, 1995). Assim, emerge um novo ambiente intelectual, tendo em vista que o ensino deixa de pertencer exclusivamente aos mosteiros e passa a se concentrar em torno das escolas catedrais e, posteriormente, das universidades (Le Goff, 2006; Baschet, 2006). Com isso, uma nova ordem clerical letrada se estabelece.

É nesse cenário que surgem os goliardos, clérigos pertencentes à *ordo clericalis*, muitas vezes seguindo caminhos alternativos, como o da errância (Le Goff, 2006; Miranda, 1996; 1997). A partir dessa realidade, os *cleirici vagantes* deslocavam-se entre diferentes centros escolares em busca de mestres, prebendas e oportunidades, sustentando uma identidade marcada pela cultura letrada (Cartelle, 2017; Hamel, 2018). Esses indivíduos, frequentemente malvistas pelas autoridades eclesiásticas, produziram uma literatura crítica e satírica, expressa em latim e voltada para o público igualmente letrado (Lehtonen, 1995).

Nesse contexto, o manuscrito *Carmina Burana*, escrito por volta do século XIII e redescoberto no século XIX no antigo mosteiro Bura Sancti Benedicti na Baviera, tem sua composição atribuída aos goliardos. Em virtude das transformações sociais e econômicas desse período, esse trabalho tem como objetivo evidenciar como o acaso e a instabilidade social são representados pela figura da Roda da Fortuna, a partir de fragmentos da canção *Fortune plango vulnera*, encontrada no manuscrito supracitado. A relevância dessa pesquisa reside na presença e popularização de uma figura pagã, como a Fortuna, em um período marcadamente cristocêntrico. Assim, ao investigar sua presença em *Carmina Burana*, torna-se possível compreender como elementos da tradição clássica foram incorporados ao imaginário medieval, coexistindo com conceitos teológicos.



2 MATERIAIS E MÉTODOS

Carmina Burana, manuscrito latino datado do século XIII, é uma antologia que reúne composições de diversos autores goliardos do medievo. Em seu interior, encontramos neumas, o que diz respeito a intenção primária dos poemas, que deveriam ser cantados, como sugere o nome “Carmina”, ou “canções”. Já “Burana” remete à antiga localização do manuscrito, o mosteiro de Benediktbeuern, antiga Bura Sancti Benedicti na Alta Baviera. Sua localização atual é a Bibliotheca Régia Monacensis, em Munique.

A antologia compreende variadas temáticas: uns tratam do amor, e expressam o desejo pelas mulheres e a chegada da primavera; outros, são poemas tabernários que retratam vinho e o jogo; há também poemas morais que criticam especialmente o alto clero, com denúncias à simonia e à corrupção dos líderes eclesiais e, por fim, dramas religiosos de caráter devocional (Cartelle, 2017; Hamel, 2018).

Como se trata de uma fonte literária, é necessário salientar que tanto a História quanto a Literatura são formas de revisitar o passado. No entanto, Antonio Celso Ferreira (2009) nos elucida que a diferença entre ambas está no *modus operandi*, pois a História exige o emprego de operações científicas, como a formulação de hipóteses, a construção e o tratamento dos dados, e a verificação dos resultados. Para isso, o autor considera que o ponto de partida deve ser a formulação de uma problemática clara, com a interrogação da fonte como objeto de investigação. Com base em sua elaboração teórica, buscamos questionar de que maneira a figura da Fortuna se insere em *Carmina Burana*.

Sandra Jatthy Pesavento (2006), por sua vez, defende que a Literatura opera nos campos simbólicos, o que dá acesso às sensibilidades e mentalidades de uma época. Portanto, a partir da Literatura, torna-se possível compreender como a Roda da Fortuna se configura como um símbolo no imaginário medieval.

A partir da contribuição teórico-metodológica desses autores, seguimos os procedimentos da análise literária e da História Cultural, com o intuito de evidenciar como o acaso e a instabilidade social são representados pela figura da Roda da Fortuna na canção *Fortune plango vulnera*, presente no manuscrito *Carmina Burana*. Tal perspectiva permite notar a complexidade da composição das canções goliárdicas, levando em consideração o amplo conhecimento desses clérigos, ao articular suas imagens poéticas com as experiências coletivas de uma época marcada por transformações e incertezas, como as que afligiram os séculos XII e XIII da Cristandade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Estudos que se voltam ao período medieval devem levar em consideração as particularidades de sua concepção de tempo. Ela unia a ciclicidade, herdada da Antiguidade, à linearidade, introduzida pelo pensamento cristão. Grosso modo, a visão cíclica diz respeito à uma estrutura de repetição de padrões preestabelecidos, tendo em vista que o homem medieval tinha fortes conexões com os ciclos naturais e as estações do ano (Koselleck, 2006; Tannis, 2016). Já a perspectiva linear era caracterizada pela ideia bíblica de que a história tem um começo, a Criação, e um fim, o Juízo Final (Le Goff, 2006).

A Fortuna, porém, ganhou novo significado no medievo. A filha de Júpiter era a deusa romana do acaso ou da sorte, associada à fertilidade e abundância, como sugere a cornucópia que ela carregava em seus braços. No entanto, na Idade Média, sua iconografia passou por mudanças: a figura de uma roda foi inserida em sua representação. Através dela, a Fortuna passa a deter o controle direto dos destinos, conforme ditava a sua vontade (Lehtonen, 1995; Guzmán, 2012).

Para Tuomas M. S. Lehtonen (1995), a possível explicação dessa mudança tem relação com a nova situação social vivenciada na Europa Ocidental durante o século XIII.



Com o renascimento das cidades e o surgimento de uma nova economia monetária, as relações pessoais e hierárquicas típicas do feudalismo começaram a ser substituídas por vínculos burocráticos e impessoais. No mundo clerical, por exemplo, os antigos laços de senhorio foram progressivamente tomados por relações administrativas e contratuais. Nesse novo cenário, os indivíduos passaram a se deparar com uma realidade mais imprevisível.

O domínio da Fortuna perante o destino se torna evidente na CB 16, *Fortune plango vulnera*, a partir da seguinte estrofe:

A Fortuna a muitos fere,
lamento-o chorando,
os favores que ela confere
logo os vai tirando.
(CB 16, p. 31-33)³.

Haja vista, a deusa entra em conflito com a ideia de "providência divina", termo teológico que designa a responsabilidade do Deus cristão em dirigir o curso do universo. Nessa mesma lógica, em *Carmina Burana*, a Fortuna é retratada como uma força motora, caprichosa e enganosa, acompanhada da inscrição "*regnabo, regno, regnavi e sum sine regno*" (eu governarei, estou governando, eu governei e não tenho reino, em sequência) (Lehtonen, 1995). Essa volatilidade entre a fortuna e o infortúnio se torna visível nesse fragmento:

A roda da fortuna gira,
caí eu, rebaixado,
outro pro alto ela tira
vejo-o exaltado;
trona um rei, ali em cima,
já cai do pedestal!
dele prepara a ruína
Hécuba⁴, a infernal.
(CB 16, p. 33)⁵.

A menção à Hécuba, além de simbolizar o conhecimento pagão que os goliardos detinham, atua nessa canção como prenúncio da ruína inevitável daquele que ascende, tendo em vista o caráter trágico de Hécuba na crença greco-romana. Sua presença no poema reforça a ideia de que a Fortuna, volúvel e impiedosa, não poupa sequer os poderosos. Portanto, todos estão sob o seu domínio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da canção *Fortune plango vulnera*, presente no manuscrito *Carmina Burana*, permitiu evidenciar como a figura da Fortuna foi apropriada e ressignificada no

³ No original: "Fortune plango vulnera/ stillantibus ocellis,/ quod sua michi munera/ subtrahit rebellis" (CB16, p. 30-32). As traduções de *Carmina Burana* são de autoria de Maurice van Woensel. Conferir: CARMINA BURANA: Canções de Beuern. Apresentação de Segismundo Spina, introdução e tradução de Maurice van Woensel. São Paulo: Ars Poética, 1994.

⁴ Hécuba é uma personagem da mitologia grega vinculada ao ciclo troiano. Esposa do rei Príamo de Troia, aparece na *Iliada* de Homero e nas tragédias *Hécuba* e *Troianas*, de Eurípedes. Tradicionalmente representada como símbolo do luto materno, Hécuba também apresenta sentimentos de fúria e vingança, sobretudo na peça *Hécuba*, em que, após perder seus filhos, cega Polimestor e mata seus dois filhos pequenos (Werner, 2021).

⁵ Em latim: "Fortuna rota volvitur:/ descendo minoratus;/ alter in altum tollitur;/ nimis exaltatus/ rex sedet in vertice –/ caveat ruinam!/ Nam sub axe legimus/ Hecubam reginam" (CB 16, p. 32).



imaginário medieval, adquirindo novas conotações diante das transformações sociais, econômicas e culturais vivenciadas no seio da Cristandade.

Nesse contexto, observou-se que o renascimento das cidades impulsionou o surgimento das universidades, que favoreceram a circulação das traduções de textos clássicos. Assim, esse movimento possibilitou o contato direto dos clérigos com autores da Antiguidade, o que contribuiu para que figuras como a deusa Fortuna fossem retomadas e reinterpretadas na cultura medieval. Com isso, tornou-se possível a permanência de símbolos pagãos em um ambiente historicamente cristocêntrico.

Desse modo, em meio à instabilidade provocada pela crise das estruturas feudais, a Fortuna se consolidou como um símbolo poético. Os goliardos, portanto, recorriam à imagem da deusa como forma de expressar a fragilidade da sociedade de ordens, sobretudo diante da mobilidade social proporcionada pelas cidades.

REFERÊNCIAS

BASCHET, J. **A Civilização Feudal**: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

CARMINA BURANA: Canções de Beuern. Apresentação de Segismundo Spina, introdução e tradução de Maurice van Woensel. São Paulo: Ars Poética, 1994.

CARMINA BURANA. Manuscrito original. [S.l.: s.n.], [13--?]. Disponível em: <https://hdl.loc.gov/loc.wdl/wdl.14698>. Acesso em: 03 set. 2024.

CARTELLE, E. M. **Carmina Burana (II)**: Poemas satírico-morales, lúdicos y de taberna. Madrid: Akal, 2017.

FERREIRA, A. C. A fonte fecunda. In: LUCA, T. R.; PINSKY, C. B. (Orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 61-91.

GUZMÁN, A. A. De los goliardos a los clérigos “falsos”. **Espacio, tiempo y forma**, Madri, v. 3, n. 25, p. 43-84, jan. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286131686_De_los_goliardos_a_los_clerigos_falsos. Acesso em: 22 out. 2024.

HAMEL, C de. Carmina Burana. In: HAMEL, C. de. **Manuscritos notáveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 408-468.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. Tradução: Marcos de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LEHTONEN, T. M. S. **Fortuna, Money, and the Sublunar World**: Twelfth-Century Ethical Poetics and the Satirical Poetry of the Carmina Burana. Helsinki: Finnish Academy of Science & Letters, 1995.



MIRANDA, M. Carmina Burana: A juventude é tempo para folguedos. **Boletim de Estudos Clássicos**, Coimbra, v. 26, n. 1, p. 74-81, dez. 1996. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/112604>. Acesso em: 14 jan. 2025.

MIRANDA, M. Carmina Burana-Exul ego clericus. **Boletim de Estudos Clássicos**, Coimbra, v. 27, n. 1, p. 91-97, jun. 1997. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/112602>. Acesso em: 13 mar. 2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, [s.l.], jan. 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso em: 03 set. 2024.

TANNIS, M. da S. **O Fortuna Imperatrix Mundi**: o riso medieval como possibilidade de explicação histórica nos Carmina Burana. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, set. 2016. Disponível em: https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1412216_2016_completo.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

WERNER, C. Hécuba. In: SILVA, S. C.; BRUNHARA, R.; VIEIRA NETO, I. (Orgs.). **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade**: a presença das mulheres na Literatura e na História. Goiânia: Tempestiva, 2021. p. 581–586.